

CEP

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

**As pulsões e suas repetições.**

Luiz Augusto Mardegan

Ciclo V - 4ª feira manhã

São Paulo, maio de 2015.

Neste trabalho do ciclo V apresentamos as análises de Freud sobre o conceito de repetição. As formulações desses conceitos aparecem em dois momentos nos escritos freudianos. Primeiro em ***Recordar, repetir e elaborar*** de 1914, e depois em ***Além do princípio de prazer***, de 1920. Para este trabalho, nos apoiamos apenas no texto de 1914.

Freud inicia o seu artigo RECORDAR, REPETIR E ELABORAR lembrando aos estudiosos a mudança que a Psicanálise sofreu, do tratamento clínico da técnica da catarse desenvolvida por Breuer para a técnica da associação livre. Na primeira fase diz Freud:

*Recordar e ab-reagir, com o auxílio, era a que, àquela época, se visava. A seguir, quando a hipnose foi abandonada, a tarefa transformou-se em descobrir, a partir das associações livres do paciente, o que ele deixava de recordar.*

Segundo o Dicionário de Psicanálise (ROUDINESCO, PLON) o conceito de ab-reação (do alemão Abreagieren), introduzido por Freud e Breuer em 1893, significa:

*um processo de descarga emocional que, liberando o afeto ligado à lembrança de um trauma, anula seus efeitos patogênicos.(...) conseguir, tomando como ponto de partida as formas de que os sintomas se revestem, identificar o acontecimento que, a princípio e amiúde num passado distante, provocou o fenômeno histérico. O estabelecimento dessa gênese esbarra em diversos obstáculos oriundos do paciente, aos quais Freud posteriormente chamaria de resistências, e que somente o recurso à hipnose permite superar. (...) Breuer e Freud são muito precisos a esse respeito: "... é sobretudo de reminiscências que sofre o histérico." (...) Desde essa época, Breuer e Freud sublinham como é importante que o ato possa ser substituído pela linguagem, "graças à qual o afeto pode ser ab-reagido quase da mesma maneira".*

Podemos ver na citação acima de Freud a importância do conceito **recordar** nessa primeira técnica do tratamento.

O termo recordar, por sua vez, está vinculado na teoria freudiana ao termo atuar. Ele nos esclarece que:

*o paciente não 'recorda' coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (acts it out). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente saber que o está repetindo. (pág. 165).*

Nesse sentido o recordar não implica um acesso ao inconsciente, mas uma lembrança do que pode ser lembrado, enquanto que a repetição está do lado da atuação movida por componentes psíquicos recalcados que se atualizam na análise. Repete-se, ou atua-se, aquilo que não pode ser lembrado. A função da análise, portanto, é tornar perceptível pelo analisando aquilo que lhe está oculto. São essas atuações que se repetem na vida da pessoa e se configuram como sintoma. O sintoma é o retorno do recalcado. Freud diz que o paciente ao invés de recordar, na clínica, elementos da “cena primária”, ele atua para o analista. Essa atuação é marcada pela resistência. A repetição de um sintoma é resistência de conteúdos psíquicos que se atualizam na análise.

E qual a importância da repetição para a clínica, já que ela se configura como resistência? Freud diz que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não só para o analista na clínica, mas também em cada diferente atividade e relacionamento da vida de uma pessoa. Sobre isso Freud diz:

*Quanto maior a resistência, mais extensivamente a atuação (acting out) (repetição) substituirá o recordar, pois o recordar ideal do que foi esquecido, que ocorre na hipnose, corresponde a um estado no qual a resistência foi posta completamente de lado. Se o paciente começa o tratamento sob os auspícios de uma transferência positiva branda e*

*impronunciada, ela lhe torna possível, de início, desenterrar suas lembranças tal como o faria sob hipnose, e, durante este tempo, seus próprios sintomas patológicos acham-se inativos. Mas se, à medida que a análise progride, a transferência se torna hostil ou excessivamente intensa e, portanto, precisando de repressão, o recordar imediatamente abre caminho à atuação (acting out). (pág. 166).*

Fica claro nesse artigo a relação entre a repetição, a transferência e a resistência. Um primeiro ponto a se notar, é que quanto mais intensa se torna a transferência, menos se recorda e mais se repete. Um segundo ponto é que a repetição é determinada pela ocorrência da resistência. Terceiro, que a repetição é uma força atual de um acontecimento bem definido do passado contrapondo-se à recordação.

O conceito de atuação, ou acting out no inglês e Agieren no alemão, designa o mecanismo pelo qual um sujeito põe em prática pulsões, fantasias e desejos. Ou seja, o paciente “traduz em atos” aquilo que esqueceu. Segundo o Dicionário de Psicanálise (ROUDINESCO, PLON), para enfrentar esse mecanismo, Freud preconiza duas soluções: (1) fazer o paciente prometer, enquanto se desenrola o tratamento, não tomar nenhuma decisão grave (casamento, escolha amorosa definitiva, profissão) antes de estar curado; (2) substituir a neurose comum por uma neurose de transferência. A transferência é uma demanda de amor ao objeto primeiro.

Outro conceito central nesse artigo é o conceito de **elaboração**. A elaboração seria uma forma de lidar com a resistência, proveniente da repetição não simbolizada. Ao repetir por atuação, o paciente rememora eventos e reproduz situações não mediadas pela linguagem. O paciente ao

atuar pode simbolizar conteúdos presentes na atuação, pode elaborar esses conteúdos.

Freud ressalta a importância “do analista revelar a resistência que nunca é reconhecida pelo paciente, e familiarizá-la com ela”. (pág. 170). Sobre esse ponto específico da elaboração Freud afirma:

*Amiúde me têm sido pedidos conselhos sobre casos em que o médico se queixou de ter apontado a resistência ao paciente e, não obstante, mudança alguma ter-se efetuado; na verdade, a resistência tornou-se ainda mais forte e toda situação ficou mais obscura do que nunca. O tratamento parecia não progredir. Este prenúncio sombrio sempre se mostrou errôneo. O tratamento, via de regra, progredia muito satisfatoriamente. O analista simplesmente se havia esquecido de que o fato de dar à resistência um nome poderia não resultar em sua cessão imediata. Deve-se dar ao paciente tempo para conhecer melhor esta resistência com a qual acabou de se familiarizar, para elaborá-la, para superá-la, pela continuação, em desafio a ela, do trabalho analítico segundo a regra fundamental da análise. Só quando a resistência está em seu auge é que pode o analista, trabalhando em comum com o paciente, descobrir os impulsos instintuais reprimidos que estão alimentando a resistência; e é este tipo de experiência que convence o paciente da existência e do poder de tais impulsos.*

Concluindo, no seu artigo de 1914, “Recordar, repetir e elaborar”, Freud articula o conceito de compulsão à repetição com a transferência e a resistência, distinguindo recordação e repetição. Ele relaciona inicialmente repetição e resistência, dizendo que o paciente repete ao invés de recordar, e que, quanto maior for a resistência, mais a atuação (repetição) substituirá o recordar. Podemos dizer que a repetição é tomada inicialmente sob um aspecto negativo, como sendo um exemplo de resistência, para, num segundo tempo, ser considerada como o fundamento da transferência. Retornando às

relações entre a repetição e a transferência, Freud diz que para deixar de repetir não basta lembrar um fato simplesmente, não basta representar um acontecimento recalado sem afeto. Nesse artigo de 1914 o conceito de repetição se apresenta em uma dupla perspectiva: primeiro como retorno do recalado e, segundo, como compulsão à repetição.

Um tema para desenvolver em um trabalho posterior, é pensar que nem todas as repetições são patológicas. O que estrutura a identidade social de cada um é a repetição. Podemos também pensar o caráter como um conjunto de características que se repetem. Em uma incursão pelo campo da Psicologia Social, torna-se relevante pesquisar os impactos que a globalização da economia está ocasionando nos trabalhadores. Questões como flexibilização profissional e terceirização exigem reflexão sobre as quais a Psicanálise tem muito a contribuir.

## REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Volume XII.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

NASIO, Juan-David. **Por que repetimos os mesmos erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SOLER, Colette. **A repetição na experiência analítica**. São Paulo: Escuta, 2013.